



CÉSAR LOMBROSO

(1836 - 1909)

(Extraídos da obra)

(Cesar Lombroso - Hipnotismo e Mediunidade)

Traços biográficos do Autorⁱ
Nascimento, estudos e tendências

César Lombroso nasceu em Verona (Itália), a 6 de novembro de 1835, descendente, pelo lado paterno, de judeus espanhóis expulsos de sua pátria pelos reis católicos, em 1492.

Sua primeira infância transcorreu tranqüila e feliz, desfrutando a família de elevados recursos pecuniários e boa situação na sociedade. Isso não durou muito tempo. Numa dessas reviravoltas do destino, foi o lar de Lombroso mergulhado em relativa pobreza, o que, entretanto, não impediu continuassem ali reinantes a paz e a união.

Educado nas idéias e crenças da religião judaica, bem cedo começou a freqüentar os centros de instrução de sua cidade natal.

Tanto no curso primário quanto no curso secundário, deu ele mostras de extraordinária aplicação e amor ao trabalho e aos estudos, revelando, malgrado sua timidez, uma inteligência bastante precoce. Menino ainda, tornara-se amante da natureza e dos bons livros.

Seu tio materno, David Levi, que ocupa lugar honroso na literatura italiana, ambientou-lhe o gosto para a poesia, para a história e a literatura em geral, especialmente a clássica. Com seis anos apenas, Lombroso já se deleitava ouvindo os versos de Dante. Lucrécio, Tácito e Tito Lívio o haviam fascinado, e na idade de doze anos escreveu, com períodos verdadeiramente clássicos, o trabalho *Saggio sulla grandezza e sulla decadenza di Roma*.

Contudo, um acontecimento inesperado veio decidir para sempre a vocação científica e conseqüente posição futura do nosso biografado.

Em 1850 saía a público o primeiro volume dos *Monumenti storici rivelati dall'analisi della parola*, de autoria do ilustre médico, historiador e lingüista italiano Paulo Marzolo. Os jornais elogiaram e encorajaram o autor, mas Marzolo percebeu que as críticas eram por demais benévolas e... incompetentes. Certo dia, lendo um diário de Verona, entusiasmou-se com um artigo que inteligentemente discorria sobre o seu livro e desejou imediatamente conhecer-lhe o autor.

“Foi esta a primeira e mais cara emoção que ele sentiu – escreveu Ceccarel em sua *Vita di Marzolo* –, a primeira compensação a tantas vigílias em estudos ingratos e tristes, a tantos pensamentos e meditações incansáveis. Paulo Marzolo pensava que o articulista fosse um homem proecto na ciência, um pensador solitário, que vivesse na obscuridade por circunstâncias fortuitas ou por caprichos da sorte. O autor do artigo, que pouco depois visitava Marzolo em Treviso, era um juvenzinho de quinze anos, César Lombroso, que na Itália foi o

primeiro a perceber o gênio de Marzolo. Ante este, Lombroso se apresentou com o afeto de um filho e com a veneração de um discípulo.”

Marzolo criou tal amizade pelo seu jovem admirador, que, desde então, passou a ser o verdadeiro orientador do genial rapazinho, iniciando-o no cultivo de todas as ciências e de todas as artes, pondo-o em guarda contra o unilateralismo da cultura. Sob a sua direção o nosso biografado aprendeu o caldaico, o chinês, o hebreu e algumas línguas modernas; sob a sua palavra persuasiva, decidiu-se a estudar Medicina e a entregar-se a estudos naturalísticos, não obstante a sua inclinação para o Direito e as Letras.

Marzolo foi também quem primeiro inspirou a Lombroso o estudo da Antropologia e, além de ter exercido influência sobre a sua moral, sobre a sua maneira de conceber e de agir na vida, nele incutiu para sempre o extremado amor da verdade, em cuja procura Lombroso foi incansável a vida inteira.

Nas lutas unificadoras da Itália, em fins do século XIX, a Igreja tentara por todos os meios reter os seus Estados Papais, afirmando seus direitos ao poder temporal, fulminando anátemas contra aqueles que queriam privá-la de seus domínios em prol de uma Itália unida e, posteriormente, recusando qualquer contato com o governo, por lhe terem sido tomadas as terras. Lombroso, patriota ardente, foi por isso levado a professar a fé socialista, intensificada na última fase de sua vida, acreditando que só com uma completa reforma social se poderia abater a força do clericalismo e seus prejuízos, e com esse objetivo, pela tribuna e pela imprensa, buscou, durante a vida, ajudar a todas as escolas e instituições que concorressem para diminuir entre o povo o número de analfabetos, e resultassem, em consequência, na derrubada das forças dogmáticas, freio do progresso e da liberdade.

Curriculum vitae

De 1852 a 1857, Lombroso cursou a matéria médica nas Universidades de Pavia, Pádua e Viena, laureando-se em 13 de março de 1858 pela Real Universidade de Pavia. Foi nessa cidade, quando aí fazia o seu curso, que conquistou duas preciosas amizades: Alfredo de Maury e Paulo Mantegazza, tornando-se este último quase que um seu irmão. Fisiologistas de excepcional valor, ambos acolheram carinhosamente o discípulo, que logo se iniciou nos estudos e nas pesquisas sobre a fisiologia do sonho e do prazer.

Mas é na Universidade de Viena, ao lado de mestres da psiquiatria, que ele afirmou a sua vocação médica, especialmente psiquiátrica, aprofundando-se, desde então, na leitura de livros sobre o assunto.

Escreveu, já em 1852, com apenas 17 anos, dois trabalhos elogiados por um jornal de Verona: *Saggio sulla storia della Republica Romana* e *Schizzi di un quadro storico dell'antica agricoltura in Italia*, nos quais se observa a influência do historiador Marzolo sobre o rapazinho.

Veio, a seguir, consciencioso estudo intitulado *Di un fenomeno fisiologico comune ad alcuni neurotteri ed imenotteri* (Verona, 1853) e, dois anos mais tarde, outro sobre *La pazzia de Cardano* (“*Gazetta Medica Italiana Lombarda*”, Milão, 01/10/1855), ensaio este em que já se percebe o germe das fecundas investigações que posteriormente realizaria a respeito do homem de gênio.

De certa forma importante é o opúsculo que deu a público, em 1856, com o nome *Influenza della civiltà sulla pazzia e della pazzia sulla civiltà* e que “marca o ponto de passagem de suas preocupações doutrinárias para o terreno das aplicações práticas da Medicina”.

Em 1859, revalidou o seu diploma de médico na Real Universidade de Gênova, então anexada ao Piemonte, aí obtendo a láurea em Cirurgia.

Ainda nesse ano, chamou a atenção de todos a sua monografia *Ricerche sul cretinismo in Lombardia*. E a 21 de maio, ao estalar a guerra franco-italiana com a Áustria, que tinha o propósito de expulsar os austríacos da Itália, Lombroso se alistou, contra a vontade dos pais, como médico do Corpo de Saúde Militar do Exército Piemontês, sendo encaminhado ao Hospital de Turim e, um mês depois, ao Hospital Militar de Milão.

Em 1861 o Supremo Conselho Militar de Saúde distingue com menção honrosa um utilíssimo escrito de sua autoria, sobre feridas por arma de fogo (*Sulle ferite d'arma da fuoco*), e a 6 de março desse mesmo ano era ele promovido ao posto de médico de batalhão de 1ª classe, sendo-lhe ainda conferida a medalha francesa comemorativa da campanha de 1859, que tornou independente a Lombardia.

Removido para a Calábria, aí estudou as condições higiênicas da população. Os resultados de suas investigações foram por ele publicados em 1862, no *Giornale d'Igiene e Medicina Preventiva* e no livro *Tre mesi in Calabria* (Turim, 1863), livro este que, ampliado, foi reeditado em 1898 com o nome *In Calabria*, patenteando-se em suas páginas o progresso realizado na região calabresa, tão logo foram tomadas as medidas higiênicas por ele aconselhadas.

Em 1862, inaugurando suas funções no magistério, Lombroso ministra um curso livre, gratuito, de Psiquiatria, na Universidade de Pavia, e em 1863 entra como privat-docent de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia na mesma Universidade, ao mesmo tempo em que passa a exercer gratuitamente suas funções na repartição dos alienados do Hospital Cívico de Pavia.

Em 1864, a Direção dos Hospitais reunidos de Pavia apresenta-lhe agradecimentos pelas inovações que ele trouxe àqueles Hospitais em benefício dos alienados.

É nomeado professor encaricatoⁱⁱ de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia, na Universidade de Pavia.

Nesse meio tempo, começa a elaborar, e os publica em 1865, os *Studi per una Geografia Clinica Italiana*, fonte entre as mais importantes da legislação sanitária italiana.

Patriota ardoroso, entusiasta da unidade e nova grandeza de sua gloriosa terra, condecoraram-no, em 30 de maio de 1865, com a medalha comemorativa da guerra da independência e unificação italiana. nesse mesmo ano, em 6 de dezembro, desliga-se do Corpo de Saúde Militar, passando a dar um curso livre, gratuito, de Antropologia, bem como leituras públicas sobre Raças Humanas.

Logo sobreveio a campanha antiaustríaca de 1866 e que, em outubro, daria Veneza à Itália. Lombroso, a 20 de maio, retorna ao serviço militar, exercendo suas funções como médico de batalhão de 2ª classe.

Seis meses depois, finda a guerra, dá baixa do Corpo de Saúde Militar e é nomeado médico primário da repartição das doenças Mentais do Hospital Cívico de Pavia, continuando ainda a lecionar o curso gratuito de Antropologia por mais alguns anos.

É reconduzido às funções de professor encaricato de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia, na Universidade de Pavia, dando à luz o volume *Medicina legale dele alienazioni mentali*, no qual cogita do problema da responsabilidade, tão discutido àquele tempo pelos especialistas. Nessa ocasião, também publica a *Antropometria degli Italiani*, obra que se torna clássica no gênero.

Aos 22 de junho de 1867, recebe uma distinção honorífica, como médico do batalhão em tempo de guerra, pela coragem e abnegação demonstradas na cura dos coléricos durante a epidemia de 1866.

Com sua memória sobre *Pensiero e Meteore* conquistou, em 9 de agosto de 1867, o prêmio Castiglione do Instituto Lombardo de Ciências e Letras.

Mas é a 16 de outubro de 1867 que consegue a sua grande vitória no magistério universitário, aliás muito acidentado e penoso. A Universidade de Pavia recebe-o, afinal, como professor extraordinário de Clínica das Doenças Mentais, cargo em que é confirmado, ano após ano, até 1875. Na mesma data, condecoram-no com a medalha ao mérito militar, comemorativa da campanha pró-independência da Itália, de 1866.

Lombroso se dedica mais a fundo às suas investigações psiquiátricas e aos estudos sobre a pelagra, mal que fazia muitas mortes entre os camponeses italianos.

Com sua obra *Studi clinici e sperimentali sulla natura, causa e terapia della pellagra* (2ª ed., Bolonha, 1872), recebeu, em 1870, como incentivo, a soma de 1.000 libras no Concurso L. Cagnola, instituído pelo Instituto Lombardo. Ainda por seus méritos no estudo da pelagra, foi, aos 18 de abril de 1871, agraciado com o título de Cavaleiro da Coroa da Itália.

Em outubro de 1871 deram-lhe a direção do Manicômio Provincial de Pesaro.

Inicia, em 1872, um curso livre de Medicina Legal sobre o homem delinqüente estudado pelo método antropológico experimental.

Na cidade de Viena expôs, no ano de 1873, o “sitóforo”, aparelho de sua invenção, destinado à alimentação forçada dos loucos.

Dá, em 1874, um curso sobre a causa da pelagra, sob os auspícios da Escola de Agricultura de Milão, e nesse mesmo ano é elevado a professor suplente da cátedra de Medicina Legal, Toxicologia e Higiene, na Universidade de Pavia.

Nessa Universidade, segundo escreveu Max Nordau, Lombroso teve que lutar constantemente contra a surda hostilidade, ou até manifesta, de sua direção, que empregava sistematicamente todos os meios para o bom desempenho das funções professorais e toda a melhoria em sua posição oficial. Sua doutrina sobre a pelagra também lhe criava, da parte dos colegas, uma atmosfera adversa. Farto desse conflito, aceitou ao convite insistente de velho admirador e amigo poderoso, apresentando a sua candidatura à cátedra vaga de Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica, na Real Universidade de Turim. Aí, porém, não era menor a inveja e o despeito. Opuseram a que fosse nomeado diretamente, sem concurso, ele, que talvez não tivesse competidor à altura!

A afronta a um nome internacional foi, entretanto, suavizada pelos canais competentes, e a 1º de outubro de 1876 nomeiam Lombroso professor ordinário na referida Universidade, não da cátedra por ele ambicionada, mas da de Medicina Legal e Higiene Pública.

Logo de entrada, foi acolhido com frieza por certos “colegas míopes e invejosos”, enquanto que a direção da Universidade passou a criar-lhe dificuldades no ensino da cátedra, negando-lhe tudo quanto precisava. Foram anos de grandes sacrifícios para Lombroso, que chegou a tirar dinheiro do seu próprio bolso a fim de comprar os materiais indispensáveis.

Em 1878 é eleito membro extraordinário do Conselho Sanitário da Província de Turim.

Funda, em 1880, juntamente com Henrique Ferri e Rafael Garófalo, a revista *Archivio di Antropologia Criminale, Psichiatria, Medicina Legale e Scienze affini*, que logo se tornou mundialmente famosa, “verdadeiro monumento científico, de valor incalculável”, segundo a expressão do Professor Pelayo Casanova, da Universidade de Havana, revista que teve sempre à testa, até o seu falecimento, o Professor Lombroso.

Passa a ser membro ordinário do Conselho Sanitário da Província de Turim, em 1881.

A 1º de fevereiro de 1886, após concurso, é nomeado médico sanitário das Prisões de Turim.

De 1887 a 1891, como professor encarregado, ensina Medicina Legal na Real Universidade de Turim.

A 14 de setembro de 1891 foi finalmente incumbido de lecionar Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica na Universidade de Turim, ali também chefiando a respectiva clínica, só sendo nomeado professor ordinário das mesmas matérias em 9 de janeiro de 1896.

Em 1905 criou o célebre Museu de Antropologia Criminal, que logo se tornou ponto de romaria para estudantes e professores de todo o mundo, havendo a revista *L'Illustrazione Italiana* estampado em 1906 fotografias do edifício onde ele funcionava, bem como de várias salas de exposição.

É nomeado, em 1906, professor ordinário de Antropologia Criminal e professor encarregado de Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica, na Universidade de Turim.

Nesse mesmo ano ocupa o cargo de inspetor dos Manicômios do Piemonte, e a “Sociedade Ética de Londres” eleva-o à presidência honorária.

A última distinção recebida em vida foi o título de Doctor juris, da Universidade de Aberdeen (Escócia), em 1907.

Doutrinas científicas

Exporemos mui sucintamente os pontos capitais em que se condensa a atividade científica de Lombroso, que derramou novas luzes sobre o abismo doloroso de diferentes formas do mal, quais a loucura, o delito, a prostituição, o alcoolismo, o cretinismo, a pelagra.

De início, há que ressaltar que o caráter específico da mente de Lombroso foi, antes de tudo, o constante e inexorável reconhecimento da soberania do fato. Ele – segundo palavras do seu eminente discípulo e continuador, Henrique Ferri – “cercava o fato como o cão de raça cerca febrilmente a caça. E diante do fato seu cérebro se excitava e dele saltavam centelhas de intuições maravilhosas, emergindo do seu pensamento, explicados no inesperado contato e confronto, os mais diferentes e abstrusos fenômenos”.

Só os fatos possuíam a força de fazê-lo mudar de idéia, e nisto reside uma das grandes superioridades do seu espírito. Não se aferrava cegamente às suas próprias doutrinas ou teorias; defendia-as obstinadamente quando acreditava responderem elas aos fatos, mas as modificava logo que outros fatos viessem demonstrar-lhe a inexatidão ou a insuficiência delas.

Como escreveu acertada e admiravelmente Lorenzo Ellero, Lombroso teve “a coragem dos inovadores geniais, profundamente convencidos, ao afrontar sozinho o mundo das idéias secularmente estereotipadas; mas teve também uma coragem bem mais difícil: a de afrontar a si mesmo e a si mesmo corrigir-se e contradizer-se, tudo por insaciável ardor pela verdade”.

Assim, por exemplo, a gênese natural do delito, explicou-a primeiramente pelo atavismo. Não a crendo, depois, suficiente, acrescentou a degeneração e uma causa patológica, a neurose epiléptica. O mesmo se pode dizer com relação ao Espiritismo, conforme veremos mais adiante.

Afirmou Ferri (In morte di Cesare Lombroso, na revista “*La Scuola Positiva*”, 1909, págs. 582-3) que Lombroso foi em suas pesquisas um grande continuador de Galileu. Segundo este sábio físico e astrônomo, se, para interpretar a vontade do testador defunto, há necessidade de se lhe ler o testamento, para interpretar a Natureza, muito mais que a leitura dos

livros escritos pelos filósofos, necessita-se interrogar diretamente a Natureza mesma, valendo-se da observação e da experiência.

Na verdade, o método de investigação seguido por Lombroso, método positivista por excelência, fora empregado por vários estudiosos, como Lamarck, Darwin, Despines e outros, sendo que a novidade introduzida pelo psiquiatra e criminologista italiano foi a de excoGITar a classe de fenômenos que se haveria de estudar por tal método, para se fundar, por exemplo, um novo Direito Penal. Para Lombroso, neste caso, os fatos eram os homens, ou melhor, os delinqüentes, os quais considerava como o documento vivo que devia servir de tema e ponto de partida de todas as experiências, considerando, além disso, que unicamente pela análise de suas anomalias físicas e morais poderiam ser estabelecidos os fatos cruciais da chamada “nova ciência penal”.

Se bem é verdade – como salienta a Enciclopédia espanhola “Espasa-Calpe, S. A.” – que os grandes trabalhos de Lombroso se referem especialmente à ciência penal, resumindo-se nos princípios formulados pela Escola Positiva, de que ele foi o chefe, suas investigações se dirigiram também para outros ramos do saber humano (enfermidades mentais em geral, pelagra, Hipnotismo, Espiritismo, etc.), mas em todas as ocasiões a nota distintiva do método lombrosiano foi a rigorosa e impassível observação da vida em suas complexas interações, a afirmação de que os fatos, diretamente e bem estudados, constituem as bases firmes e inquebrantáveis sobre as quais se assentará a Ciência.

De acordo com Ferri, as maiores e mais decisivas descobertas científicas de Lombroso foram principalmente estas: a causa específica da pelagra, profilaxia e tratamento; a gênese natural do delito; a natureza do homem de gênio. Afora estas, acrescenta Ferri, muitas outras descobertas de menor importância poderiam ser mencionadas, pois onde o sábio de Verona pousasse os olhos indagadores, aí projetava um feixe de luz.

1 – A causa específica da pelagra, profilaxia e tratamento

Em conseqüência da extrema variação na manifestação da pelagra, durante centenas de anos os especialistas não puderam atinar com a causa desse mal, nem com a sua terapêutica. Milhares de casos ocorriam em todo o mundo, e na Itália, por volta de 1856, cerca de 100.000 casos eram comprovados por F. Lussana e Frua.

Lombroso começou a estudar algumas formas especiais da pelagra, publicando em 1868 vários artigos sobre esse assunto, em revistas médicas. Do estudo destas formas especiais, passou à consideração da enfermidade em geral, e seguindo as pegadas do Dr. Balardini e do senador Teófilo Roussel, separou o sporisorium maidis e os demais fungos que se desenvolviam no milho deteriorado, realizando diferentes experimentos com suas culturas, tanto em animais como no homem.

Havendo demonstrado que aqueles fungos não produziam a pelagra, fez experiências com o extrato do milho estragado, e então pôde obter os sintomas específicos da enfermidade que estudava.

O tratamento de um caso grave de pelagra lhe deu a chave do enigma. Tratava-se de um tifo pelagroso, acompanhado de uremia aguda e, como todos os sintomas eram os de envenenamento, Lombroso suspeitou que muitos dos fenômenos pelagrosos seriam conseqüência de intoxicações também crônicas, isto é, que a pelagra seria devida não a uma infecção, mas sim a uma intoxicação proveniente, não de um fungo do milho, mas de toxinas formadas no pe-

risperma dos grãos de milho deteriorado por aqueles fungos (Esperienze per lo studio della eziologia e problema della pellagra, in "Gazetta Medica Italiana Lombarda", 1869).

Averiguada a causa da pelagra, Lombroso busca-lhe o tratamento. Sucessivamente emprega várias substâncias químicas, não conseguindo resultados satisfatórios. Tendo lido numa Memória de Coletti e Perugini que os pelagrosos encontravam notável alívio com o uso das águas de Levico, analisou-as cuidadosamente e, após comprovar que alguns dos seus componentes não produziam o efeito desejado, ensaiou, então, o ácido arsenioso, em forma de gotas de Fowler, obtendo, afinal, resultados realmente maravilhosos.

As conseqüências das descobertas de Lombroso resumiam-se nesses dois pontos: a) devia-se proibir o consumo do milho deteriorado; b) o arsênico era o remédio específico da pelagra.

Conta Ferri que por trinta anos Lombroso teve de sustentar dolorosa luta para ver acolhida a sua descoberta sobre a origem da pelagra. Não só os grandes produtores de milho, como os próprios homens de ciência o combateram com veemência: aqueles, ou porque queriam vender o milho, mesmo deteriorado, ou porque supunham seria exterminada a cultura do milho; estes, como os professores Lussana, Porta, Bonfigli, porque achavam improváveis as afirmações de Lombroso.

Acentua Scipio Sighele, ilustre sociólogo italiano, que o sábio estudioso da pelagra suscitara tamanha oposição, sendo até qualificado de heterodoxo e ousado, que por isso quase ia perdendo, em 1868, a cátedra na Universidade de Pavia.

São de 1880 as suas brilhantes Letters al dottor Bonfigli, clássico exemplo de ímpeto polêmico e de lógica cerrada, no dizer de Giuseppe Antonini, diretor do Manicômio de Udina.

Por duas vezes (1870 e 1872), concorrendo ao primeiro prêmio instituído pelo Instituto Lombardo, de Milão, encontrou apenas juizes que negavam a priori tudo quanto apresentava e afirmava sobre a pelagra. Requereu, então, uma comissão nomeada pelo Instituto. Após dois anos de estudos, os membros dessa comissão, torcendo desonestamente os fatos, declararam que o milho deteriorado era inócuo!

Lombroso ficou indignado com essa falsa conclusão. Auxiliado pelo químico Francisco Dupré, extraiu do milho deteriorado uma solução aquosa que produzia as reações gerais dos alcalóides e que, absorvida ou injetada em cães, frangos, coelhos e rãs, originava convulsões e outros fenômenos próprios da pelagra. Esse extrato aquoso foi remetido à referida comissão. E porque essa preparação originava sintomas análogos aos da estricnina, atreveram-se a acusá-lo de fraudador, incriminando-o de haver misturado esse veneno ao seu produto para obter os seus famosos coelhos pelagrosos!

Lombroso, inabalável em sua fé na vitória da verdade, resistiu a todas as investidas que o procuravam ridicularizar. Exigiu que um químico do Instituto preparasse, com suas próprias mãos, o extrato, segundo o método por ele indicado. O referido químico assim o fez e, tendo experimentado em animais a solução obtida, verificou que ela os matava com sintomas semelhantes aos do envenenamento estricnínico, mas teve a falta de coragem ou de honestidade para tornar público os resultados. Lombroso não se conteve e publicou as conclusões do químico, que o ameaçou de um desmentido.

E só quando o sábio Marcelino Berthelot, bem como Pellogio, Huseman e Auspitz demonstraram haver no extrato do milho deteriorado um alcalóide semelhante, mas não igual, à estricnina, só então os caluniadores calaram e começou a justiça para Lombroso. Sua doutrina sobre a pelagra e o tratamento específico por ele indicado ganharam novos defensores.

Finalmente, em 1902, deu-se a consagração oficial. O Governo italiano promulgou uma lei para combater a pelagra, tomando uma série de providências administrativas, higiênicas, econômicas e agrárias, todas inspiradas na doutrina lombrosiana. A incidência da doença diminuiu sensivelmente, e em 1905 o número de pelagrosos na Itália era cerca de cinco mil apenas.

Depois de curtir dores e desenganos, que infelizmente sempre acompanham a obra dos renovadores, ele pôde, ainda em vida, ver triunfar as suas idéias. Por tudo quanto fez e escreveu sobre o problema pelagógico, Lombroso merece, por direito – na opinião autorizada dos Drs. Antonini e Tirelli – “ser aclamado o pai da pelagrogia moderna”.

2 – A gênese natural do delito

Conhecendo as obras de Frenologia e Fisionomia publicadas antes dele, Lombroso pôs-se completar, sistematizar e organizar a chamada Antropologia Criminal, a fim de fixar as bases do sistema penal positivo, que, segundo suas próprias palavras, não é senão “parcial consórcio, aliança simpática entre o Direito Penal e a Antropologia Criminal”.

Conquanto tivesse tido, de certo modo, precursores como Gall e Lavater, Morel e Despine, Porta e Lauvergne, Thompson e Wicholson, que já haviam feito declarações sobre a natureza dos delinquentes, insistindo nas relações entre o físico e o moral, procurando estabelecer a existência de sinais exteriores característicos, em correspondência com as tendências delituosas ou degenerativas, Lombroso merece, a bem dizer, as honras de ter sido o fundador da moderna Antropologia Criminal. Daí o Prof. José Sergi, grande antropologista e pedagogo italiano, haver afirmado que este corpo de doutrina não teve, na verdade, origem nos seus precursores, sendo criação exclusiva do extraordinário intelecto de Lombroso, através de suas observações diretas e intuição profunda.

Após demorados e pacientes estudos, realizados entre os soldados, durante a guerra, entre presos e enfermos mentais, atentamente examinados, após colher centenas de casos abonadores de suas idéias, é que Lombroso traz a lume a célebre obra *L’Uomo delinquente in rapporto all’antropologia, giurisprudenza e discipline carcerarie* (Milão, 1876), livro que teve muitas edições, sempre melhoradas e ampliadas pelo autor, e que foi vertida para várias línguas.

De acordo com a sua doutrina aí exposta, tanto o criminoso como o delito são um produto atávico, herança da idade selvagem, da idade animal e até da infância, e o delito é uma conseqüência da organização física e moral do criminoso. Foi ele, ao que parece, influenciado nessas concepções pelas teorias darwinianas, e entre os diversos tipos de criminosos que admitia, como os de ocasião, os loucos, os criminaloides ou pseudocriminosos, incluiu a concepção ousada e original do “criminoso nato”, ser humano incorrigível e irresponsável, predestinado necessariamente à prática do crime por um impulso epiléptico congênito e profundo, que se traduziria por certos caracteres morfológicos e funcionais.

Mais larga repercussão teve a 2ª edição de *L’Uomo delinquente*, tanto que o sábio russo Metchnikoff escreveu ao seu autor, dizendo-lhe: “Acredito que sua obra marcará uma época na história da evolução dos conhecimentos humanos, pois as conseqüências sociais da nova doutrina serão consideráveis.”

Combatendo o que era aceito como dogma intangível nos domínios da ciência jurídica, Lombroso levantou contra si violenta reação, com vivíssimas discussões, por vezes apaixonadas, despertando grande bulício em torno do seu nome. Por ignorância ou não, até propa-

lavam que ele pretendia, por meio de suas idéias, acabar com as prisões, pensamento que jamais lhe passara pela mente. Desassombrado, não fugiu à luta e, ao lado de Ferri, Garófalo, Marro e Mário Carrara, conseguiu sobrepor-se e criar toda uma escola composta de médicos, filósofos, sociólogos e juristas.

Com o livro *L'Uomo delinquente*, Lombroso veio dar significativo impulso ao antigo Direito, que permanecia estacionário com Francisco Carrara e discípulos, numa “ruminação científica”, segundo a expressão pitoresca de Ferri, sem proveitos para a causa da humanidade, a cujas ambições a esgotada escola já não podia mais satisfazer.

No dizer do Prof. C. Winkler, da Universidade de Amsterdã, “Lombroso fez pelo Direito Penal o que, dois séculos antes, fez Morgagni pela Medicina”, comparação, aliás, muito honrosa, pois se sabe que Morgagni, igualmente italiano, foi um dos mais notáveis anatomistas de todos os tempos, contribuindo com suas notas, observações e descobertas para abertura de novos caminhos à ciência médica.

Livrando a justiça penal de toda a sobrevivência barbárica de vingança e de violência, demonstrando ser o criminoso mais doente do que culpado, abriu novas perspectivas de uma clínica social, com funções de defesa mais eficazes e mais humanas.

Desde que o criminoso é um doente, absurdo será puni-lo. Deve receber adequado tratamento e ser posto simplesmente na impossibilidade de causar dano. Esta revolução operada por Lombroso, simples e cristã, levou o Prof. Sérgio Sighele a declarar que o criador da Antropologia Criminal “fez pelos delinquentes o que Pinel, há mais de um século, fez pelos loucos: não apenas obra de ciência, mas principalmente obra de humanidade”.

Congressos nacionais e internacionais, publicações periódicas e sociedades científicas surgiram com o crescer do movimento de idéias por ele desencadeado. O 1º Congresso Internacional de Antropologia Criminal (1885), realizado em Roma, contou com a presença de notáveis psiquiatras, médicos legistas e juristas europeus, e foi, como se disse, “a cerimônia de batismo da Escola Positiva”.

Triunfavam, afinal, as idéias do sábio acerca do homem delinquente, idéias – frisa o Dr. Leonídio Ribeiro, professor de Criminologia no curso de doutorado da Faculdade Nacional de Direito do Estado da Guanabara – “que não se originaram de pensamentos teóricos, mas de fatos positivos observados nos laboratórios, clínicas, manicômios e prisões”.

Uma série de reformas foram iniciadas na justiça penal dos países da Europa e das duas Américas, com aplicação da doutrina lombrosiana.

No Brasil, muitos juristas e psiquiatras aderiram às novas concepções e as propagavam, como Perez Florinha, diretor do Reformatório do Rio de Janeiro, o grande Tobias Barreto de Menezes, João Vieira de Araújo, Nina Rodrigues, Cândido Mota e Francisco Viveiros de Castro, este com a sua obra *A Nova Escola Penal* (1894).

O jurista e político pernambucano Dr. João Vieira de Araújo assim se externava em fins do século XIX: “Lombroso se erige à frente do Direito Penal neste século, como Beccaria se erigiu no século passado. Ele é um renovador audaz, um pensador de vista larga, de idéias larguíssimas. O ter lançado por terra as antigas idéias metafísicas e caducas será o seu maior título de glória.”

“O feito revolucionário de Lombroso – relembrou há alguns anos o ilustre criminologista argentino Juan Dalma – consistiu em haver posto no centro da atenção dos estudiosos, não o delito em si, senão seu protagonista, o homem delinquente, com suas características somatopsíquicas constitucionais e os aspectos ambientais que determinam a sua ação. Criou-se,

assim, a Antropologia Criminal, que, com seus fundamentos, transformou completamente o Direito Penal e todo o conteúdo jurídico, social e biológico do delito.”

Além do primeiro Congresso Internacional retrocitado, durante a existência terrena de Lombroso sucederam-se outros, respectivamente em Paris, Bruxelas, Genebra, Amsterdã e Roma, aos quais compareceram as maiores celebridades mundiais, não faltando a presença brilhante e sempre ansiada por todos do mestre italiano.

Atendendo a insistentes pedidos, Lombroso também participou, em 1897, do Congresso de Medicina de Moscou, bem como dos trabalhos científicos do Congresso Internacional de Psicologia (1905), em Roma, aí presidindo a seção de Antropologia Criminal.

Foi no Congresso de Bruxelas, em 1892, que, segundo seu presidente, Prof. Semal, se consumou esta grande vitória: a união definitiva da ciência médica com a ciência penal.

Há mais coisas interessantes a registrar. No Congresso de Paris, em 1889, o Prof. Manouvrier, pertencente à Escola Sociológica do Direito Criminal, proclamava que a teoria de Lombroso morrera. Porém, como este morto ressuscitava em todos os códigos penais redigidos e adotados posteriormente, um colega e êmulo de Manouvrier, Gauckler, declarava agora, no Congresso de Amsterdã, em 1901, que Lombroso não fizera mais que arrombar portas abertas, pois todas as suas teorias eram velhas quanto o mundo e mais que conhecidas, trivialidades, lugares comuns.

Vê-se, assim, até onde ia a inconseqüência dos adversários, que lançavam mão de toda e qualquer saída para desmerecer o alto nome de Lombroso. Tudo foi em vão, e este crescia sempre na admiração e no respeito de todos.

Em 1906, de 28 de abril a 3 de maio, realizou-se o VI Congresso Internacional de Antropologia Criminal, celebrando-se nele o jubileu científico do sábio de Verona.

O maior anfiteatro da Universidade de Turim foi palco de grandiosa solenidade, que marcou para Lombroso um triunfo sem par. “Em presença – diz Max Nordau – de representantes do Governo italiano, do Exército, que enviara um general como delegado, de senadores, de deputados, de sábios célebres de todos os países; ante os estudantes que haviam acudido em massa para aclamar o mestre, uma longa fila de oradores subia à tribuna e glorificava Lombroso.”

Um desses oradores, o mui ilustre Prof. Van Hamel, da Holanda, referindo-se aos dois Césares da renovação penal – Beccaria e Lombroso –, assim salientava: “O primeiro, nos dias em que tudo era arbitrário, disse ao homem: conheça a justiça. O segundo, no tempo em que triunfava a rigidez, o convencionalismo, as fórmulas clássicas jurídicas, disse à justiça: conheça o homem.” Queria ele expressar com isso que de agora em diante, conhecendo-se melhor o homem, a justiça se faria menos injusta.

Para as homenagens a Lombroso várias comissões haviam sido constituídas: Comissão Central, presidida pelos Profs. Leonardo Bianchi e A. Tamburini; Comissão Italiana, entre cujos membros estavam os professores Brusa, Borri, Carrara, Ferrero, Severi, Tamassia, Tirrelli, de Sanctis, etc.; Comissão Internacional de personalidades do mundo científico, como Bechterew, Benedikt, Max Nordau, Sollier, Van Hamel, etc.; Comissão Popular, que entregou a Lombroso um objeto de arte, homenagem da classe trabalhadora; Comissão de Estudantes, que ofereceu artístico pergaminho ao amado mestre.

Uma das solenidades bastante emocionante foi a entrega que o Dr. J. A. Lacassagne, professor de Medicina legal na Faculdade de Lião, lhe fez, em meio de estrondosa salva de palmas, da cruz de Comendador da Legião de Honra, com que o governo francês o agraciara. A escolha do Prof. Lacassagne para aquela incumbência foi muito apreciada. Como chefe da

Escola Sociológica do Direito Penal, combatia as teorias de Lombroso, mas, acima de tudo isto, admirava-o e o reconhecia sobretudo como “o apóstolo da piedade para os infelizes, da justiça para os deserdados”.

Em seguida, levanta-se uma comissão de insígnies mestres italianos e estrangeiros, do Direito e da Medicina, e presenteia o homenageado com um rico álbum de assinaturas e com um medalhão cinzelado pelo afamado escultor Bistolfi, medalhão que simbolizava a obra do herói da festa.

Uma das cerimônias mais expressivas foi a instituição, na Universidade de Turim, da cátedra de Antropologia Criminal, graças aos esforços do grande psiquiatra e neuropatólogo Leonardo Bianchi, então Ministro da Instrução Pública, sendo nomeado Lombroso para seu primeiro ocupante, tornando-se, assim, em todo o planeta, o inaugurador oficial do ensino da ciência de que ele fora o fundador.

“Aquilo tudo – escreve Max Nordau – foi uma apoteose cuja repercussão atravessou o oceano. Única exceção na Itália, na Europa, pode-se dizer, foi a Faculdade de Turim, que encontrou o meio de ignorá-lo. Absteve-se de tomar parte na festa, não figurou na comissão, nem entre os oradores, nem sequer entre os assistentes, e em sua Memória anual passou em silêncio uma cerimônia que tivera por teatro a mais bela sala da Universidade. Na altura a que chegara, Lombroso podia rir dessa raiva impotente de adversários grotescos e desprezá-la. Contudo, não temos por que isentá-la por isso de merecida censura.”

E nos dias atuais, o conhecido criminologista argentino Juan Dalma demonstrou, em longo estudo, que as concepções lombrosianas do delinqüente epiléptico foram uma genial antecipação das modernas doutrinas constitucionalísticas, psicodinâmicas e neurofisiológicas, doutrinas estas que, em sua opinião, projetam “nova luz sobre as velhas concepções do sábio de Pavia, e as confirmam de forma inesperada. *Multa renascentur, quae iam cecidere*”.

3 - A natureza do homem de gênio

Estudando os homens de gênio, não só sustentou as relações freqüentes entre o gênio e a loucura, senão que chegou à conclusão de que o gênio do homem é o produto de uma psicose, de caráter degenerativo. Colocou, assim, os grandes homens no domínio da patologia mental, o que, aliás, já fora sustentado por outros autores, especialmente por Moureau de Tours e Lélut.

Lombroso baseou-se em observações numerosas, desde os tempos antigos, e disse Ferri que “até nos homens tidos por mais equilibrados e normais, neles também foi comprovada a nota degenerativa”.

A primeira tese que publicou sobre o assunto saiu em 1864, na cidade de Milão, sob o título *Genio e Follia* (4ª ed., muito aumentada, Turim, 1882).

Juntaram-se a esta, posteriormente, três novas obras: *L’Uomo di genio* (6ª ed. definitiva, Turim, 1894), na qual suas teorias a respeito assumiam formas mais definidas; *Genio e degenerazione* (Palermo, 1898) e *Nuovi studi sul genio* (2 vols., Palermo, 1902).

Para Lombroso, em suma, o gênio não é incompatível com uma natureza epiléptica, uma degenerescência epiléptica. Muitos fatos acumulou e coordenou para comprovar a sua doutrina, emprestando-lhe, segundo a expressão de Ferri, um “vigor miguelangelesco”, mas, mesmo assim, teve de enfrentar furiosas e implacáveis críticas, censuras indignas do seu alto valor, freqüentemente misturadas com a fantasia silogística.

A torrente de idéias profundamente inovadoras que o cérebro pujante de Lombroso deramara no mundo do século passado, sobre um terreno tão inquietante como é aquele da loucura, do delito, do gênio, suscitou, como é natural e normal, um clamor de resistência e aversão, ao lado de uma onda entusiástica de adesão, parcial ou total.

“Poucos sábios ou filósofos foram tão infamados e tão atacados como o foi César Lombroso” – escreveu o jornal parisiense “Siècle”, em 1909.

É este, em verdade, o destino de todos os que ousam traçar novas diretrizes no mundo científico, filosófico ou religioso, e Lombroso exteriorizou, em certas ocasiões, todo o seu menosprezo por aqueles ecléticos que, semelhantes a esponjas, absorvem tudo e não produzem nada. Chamava-lhes “mestrezinhos da Ciência”, que, de ordinário, acrescentava Lombroso, esperam, para ter uma opinião científica, a última palavra da Sorbona ou da feira de Lísia.

Quem evoca, em minúcias e a cores vivas, a vida de lutas e de dores do genial e verdadeiro homem de ciência é sua própria filha Dra. Gina Lombroso-Ferrero, quer no artigo “La Vita de Papà” (in “Archivio di Antropologia Criminale”, 1909, págs. 607-632), quer no livro de sua autoria Cesare Lombroso, Storia della vita e delle opere, narrata dalla figlia, Turim, 1915 (2ª ed. 1921, fundamental).

Houve, naqueles recuados tempos, um médico e consagrado psicólogo, Padre Agostinho Gemelli, mais tarde reitor da Universidade Católica de Milão e presidente da Academia Pontifícia das Ciências, que, com todas as suas forças, combateu as doutrinas de Lombroso, afirmando, após o falecimento deste, serem elas anticristãs e que não passavam de caricatura de ciência, acabando por considerá-las definitivamente sepultadas com seu autor.

A verdade, todavia, vence o tempo e vence os homens. Em 1951, segundo nos conta o Prof. Leonídio Ribeiro, esse mesmo padre franciscano, ao inaugurar a Escola de Aperfeiçoamento de Estudos Criminais da Universidade de Roma, volta atrás e afirma textualmente: “Ninguém mais poderá hoje negar que a Antropologia Criminal realizou conquistas importantes, no campo da ciência, para o conhecimento do homem delinqüente, imprimindo os discípulos de Lombroso novos rumos ao Direito Penal de nossos dias.”

Depois de estudar o “homem louco”, o “homem delinqüente” e o “homem gênio”, no ocaso de sua vida Lombroso aprestou-se a estudar o “homem santo”, mas a saúde não lhe permitiu chegar a termo.

Produção científica

Deixou o sábio veronês vasta obra relacionada com a Psiquiatria, a Medicina Legal, as disciplinas carcerárias, a justiça penal, a profilaxia do delito, etc., somando-se a ela centenas de memórias e artigos científicos estampados, até os seus últimos anos de peregrinação terrena, em numerosas revistas e jornais de todo o mundo, especialmente da Europa.

Além das obras mencionadas no decorrer deste trabalho biográfico, alinharemos mais algumas, a saber: L’Uomo bianco e l’Uomo di colore (Pádua, 1871); idem, 2ª ed. aumentada (Turim, 1892); I veneli del mais e da loro applicazione all’igiene e alla terapia (Bolonha, 1877); Sulla medicina legale del cadavere (Turim, 1877); L’amore nel suicidio e nel delitto (Turim, 1881); Pazzi e anomali (1885), reunião dos seus artigos e polêmicas em defesa da Escola Positiva; Il delitto politico e le rivoluzioni (Turim, 1890); Trattato profilattico e clinico della pellagra (Turim, 1892); Le più recenti scoperte e applicazioni della psichiatria e antropologia criminale (Turim, 1893); La donna delinqüente, la prostituta e la donna normale,

em colaboração com G. Ferrero (Turim, 1893); *L'antisemitismo e la scienze moderne* (Turim, 1894); *Grafologia* (Milão, 1895); *Lezioni di medicina legale* (2ª ed. Turim, 1900); *Delitti vecchi e delitti nuovi* (1902); *Il momento attuale in Italia* (Milão, 1904); *La perizia psichiatrico-legale coi metodi per eseguirla e la casuistica legale* (Turim, 1905); etc.

“As idéias de Lombroso – declarou, faz poucos anos, o Prof. Leonídio Ribeiro – receberam o apoio de mestres e estão sendo confirmadas à luz das últimas conquistas da ciência.”

Não é, pois, fora de propósito esta frase do grande jurista Vincenzo Manzini, professor ordinário da cátedra de Direito e Processo Penal na Universidade de Pádua, frase existente no 1º tomo do seu famoso *Trattato di diritto penale italiano*: “Se Lombroso não tivesse existido, haveria uma lacuna na evolução lógica das idéias do nosso tempo. Assim escreveu Gross, e este criminalista germânico tinha inteira razão.”

No campo do Espiritismo

Foi lenta e árdua, porém contínua e segura, a marcha de Lombroso rumo ao Espiritismo.

Em seu opúsculo *Studi sull'Ipnotismo* (Turim, 1882), o ilustre antropologista ridiculizava as manifestações psíquicas, chegando até, segundo suas próprias palavras, “a insultar os espíritas”. Motejava do fenômeno das “mesas girantes e falantes”, estranhando que pessoas de mente sã pudessem prestar-se a tanta charlatanice.

Em julho de 1888, publicava no jornal “*Fanfulla della Domenica*” (n. 29) um artigo intitulado “*L'influenza della civiltà e dell'occasione sul genio*”, artigo em que se mostrava, ao referir-se ao Espiritismo, menos intransigente, salientando, após breve raciocínio, lógico e cheio de bom-senso:

“Quem sabe se eu e meus amigos, que rimos do Espiritismo, não laboramos em erro.”

À leitura deste artigo, o conde Ercole Chiaia, cavaleiro napolitano de grande cultura (cuja desencarnação, em 04/03/1905, foi bastante lastimada por eminentes personalidades do mundo científico e literário), escreveu longa e brilhante carta a Lombroso, em agosto de 1888, publicada, sob o título “*Una Sfida per la Scienza*”, no mesmo jornal há pouco citado (ano X, n. 34). Nela, chamava a atenção do sábio para uma “doente” extraordinária, com quem se produziam os fenômenos mais estranhos, alguns dos quais passou a relatar. Em seguida, convidava-o, num desafio cortês, para a eles assistir e simplesmente comprovar-lhes ou negar-lhes a realidade. A referida “doente” era uma napolitana analfabeta, da classe mais humilde da sociedade, com menos de quarenta anos de idade, robusta, e chamava-se Eusápia Paladino.

O conde Chiaia dispunha-se ainda um encontro em qualquer lugar (Nápoles, Roma e até Turim) que Lombroso designasse e, além de outras facilidades de investigação, concedia-lhe plena liberdade de ação nas experiências. “Melhores condições – declarava ele – não se poderia oferecer nem mesmo aos cavaleiros da Távola Redonda”.

Três anos depois, porém, foi obrigado, por motivos profissionais a ir a Nápoles. “Casualmente – é ele próprio quem o narra – me encontrei com alguns dos admiradores de Eusápia Paladino, especialmente com o Sr. Chiaia, que me pediu fizesse experiências com essa médium.” Disse-lhe Chiaia: “Já que estais entre nós, nada vos impede de assistir a uma sessão e de desmascarar o embuste.”

Sempre havendo pelejado por amor da verdade em todos os campos do conhecimento humano, conforme acentuou o poeta orientalista alemão Artur Pfungst, o célebre autor de *O Homem delinqüente* aceita, afinal, o convite, mas impõe estas condições: não participaria de

sessão às escuras ou de sessão pública, e as experiências deviam realizar-se à luz do dia e no quarto do hotel onde estava hospedado. Afinal, explicou ele mais tarde, “depois de ter ouvido alguns sábios negarem fatos de hipnotismo, como a transmissão do pensamento, a transposição dos sentidos, que, por serem raros, não são menos reais, e que eu verificara atentamente, perguntei-me a mim mesmo se o meu cepticismo a respeito dos fenômenos espíritas não seria da mesma natureza que o dos outros sábios com relação aos fenômenos hipnóticos”.

Por se tratar de um acontecimento deveras histórico, ocorrido em março de 1891, deixemos que o próprio Lombroso relate o começo de sua iniciação nos fenômenos espíritas:

“Quando vi, à plena luz, uma mesa levantar-se do chão – só Eusápia e eu estávamos juntos da mesa – e uma pequena trombeta voar como uma flecha da cama à mesa e desta à cama, meu cepticismo recebeu um choque, e eu desejei fazer novas experiências de outra natureza, no mesmo hotel, com três colegas.

Na sessão seguinte, fui testemunha da habitual mudança de lugar de objetos e ouvi pancadas e ruídos. O que mais me impressionou foi uma cortina existente defronte da alcova, que, desprendendo-se de repente, se dirigiu para mim e enrolou-se ao meu corpo, apesar dos meus esforços contrários, parecendo exatamente uma delgadíssima folha de chumbo. Só após algum tempo consegui desenredar-me dela.

Outro fato muito me impressionou: um prato cheio de farinha deu um giro e, ao se colocar na situação primitiva, verifiquei que a farinha, antes perfeitamente seca, se havia transformado numa espécie de gelatina, permanecendo neste estado por um quarto de hora.

Finalmente, quando nos íamos retirar do quarto, um pesado móvel que estava num canto afastado do apartamento principiou a deslizar na minha direção, como se fosse enorme paquiderme.”

Logo a seguir, outras sessões realizou Lombroso com a médium Paladino e nas quais tomaram parte, ora numa, ora noutra, vários professores ilustres, como Augusto Tamburini, Vizioli, Ascensi, Leonardo Bianchi, Frederico Verdinois, Limoncelli, Penta, De Amicis, Ciolfi, etc.. Incrédulos a princípio, menos este último, que já havia observado os fatos mediúnicos, todos eles se certificaram da insofismável realidade dos fenômenos oferecidos por Eusápia e por ela atribuídos ao seu guia espiritual John King, fenômenos na sua quase totalidade de efeitos físicos, sendo raros os subjetivos.

Num dos relatórios, escrito pelo Prof. Ernesto Ciolfi, este conta que em dada sessão, após se produzirem as manifestações habituais de transporte, levitação e tiptologia, os presentes já se dispunham a retirar, quando a atenção de todos foi despertada para a alcova, então fechada por reposteiros. Tinham ouvido um barulho estranho que dali vinha.

A médium, do lado de fora, ainda continuava sentada e amarrada.

De súbito, os reposteiros se agitaram fortemente e viu-se, em plena luz, uma mesinha sair da alcova e caminhar docemente para a médium. Neste momento, o Prof. Lombroso entrou na alcova e constatou que o prato cheio de farinha, ali posto, estava revirado, sem que se visse a menor partícula de farinha espalhada fora do prato; “feito que – salientou Lombroso – nem o mais hábil prestidigitador seria capaz de operar”.

Noutra sessão – conforme relatou o célebre escritor científico francês Francisco Henrique de Parville (O Espiritismo e a Ciência, in “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, 07/08/1892) – o Sr. Hirsch, banqueiro, tendo pedido para conversar com uma pessoa que lhe era cara, viu a imagem desta e ouviu-a falar em francês (ela era francesa e falecida havia vinte anos), língua então desconhecida da médium. Esse fenômeno de materialização foi igual-

mente observado na sessão em que tomaram parte os Drs. Defiosa e Barth, havendo este último reconhecido seu pai, já morto, que por duas vezes o abraçou.

Diante desses maravilhosos resultados, Lombroso não titubeou em permitir fosse publicado na “Tribuna Giudiziaria”, de 15 de julho de 1891, uma carta por ele endereçada ao Prof. Ciolfi, datada da cidade de Turim, aos 25 de junho do mesmo ano.

Nesta carta, de um verdadeiro e leal homem de ciência, Lombroso confessava, em certo trecho, pública e textualmente:

“Estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos; digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem e eu deles me orgulho de ser escravo.”

A sinceridade dessa confissão era o primeiro testemunho da sua imparcialidade. A verdade, para ele, estaria sempre acima de sua própria pessoa.

Como é compreensível, a sensacional nova das experiências lombrosianas com Eusápia Paladino e as declarações categóricas do professor fizeram grande ruído no mundo científico.

Alexandre Aksakof, diretor do jornal “Psychische Studien”, de Lípsia, Conselheiro de Estado de S. M., o imperador da Rússia, escreveu, entusiasmado, ao conde Chiaia: “Glória a Lombroso pelas suas nobres palavras! Glória a vós pela vossa dedicação! Estais largamente recompensado.”

Tomando em consideração o testemunho insuspeito do Prof. Lombroso, reuniu-se em Milão uma comissão de ilustres cientistas com o objetivo de verificar os fenômenos eusapianos, submetendo a médium a experiências e a observações tão rigorosas quanto possíveis. Foram ao todo dezessete sessões, iniciadas em outubro de 1892, na residência do egrégio engenheiro e professor de Física, Giorgio Finzi. Além deste, participaram das investigações os senhores: Aksakof; Giovanni Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Carl du Prel, doutor em Filosofia, da Universidade de Mônaco, Baviera; Angelo Brofferio, professor de Filosofia; Giuseppe Gerosa, professor de Física na Real Escola Superior de Agricultura, de Portici; G. B. Ermacora, professor de Física. Assistiram a parte das sessões Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, e César Lombroso.

Um resumo dos notáveis resultados obtidos foi dado a público no jornal “Italia del Popolo” (suplemento ao nº 883), sendo alinhados inúmeros fenômenos (levitação, transporte, pancadas fracas e fortes, materializações, etc.), ocorridos à plena luz ou em semi-obscuridade, muitos controlados pela fotografia, não se falando da enérgica e contínua fiscalização exercida sobre a médium.

Conta Richet, que diz ter assistido a quase duzentas sessões com Eusápia, que numa dessas sessões de Milão, ele foi tocado, em dois lugares diferentes do corpo, por mãos materializadas, estando as mãos e os pés da médium perfeitamente seguros por Schiaparelli e Finzi. Noutra ocasião, não só impressões digitais foram feitas num papel esfumado colocado sobre a mesa, mas também a impressão de toda uma mão esquerda, sem que ninguém presente à sala fosse o autor dessa manifestação. Não nos alongaremos na descrição de muitos outros fatos interessantes, visto que encheríamos páginas e mais páginas.

Diria mais tarde o próprio Lombroso:

“Em minha ignorância de tudo quanto se referisse ao Espiritismo, e somente me baseando nos resultados dos meus estudos sobre a história e a patologia do gênio, a hipótese mais provável que me ocorreu foi a de que esses fenômenos hístico-hipnóticos seriam devidos a uma projeção motora e sensorial dos centros psicomotores do cérebro, enquanto outros centros nervosos ficariam debilitados pela neurose e pelo estado de transe. Sucederia o que se

observa com a inspiração criadora do gênio, associada a um decaimento da sensibilidade da consciência e do sentido moral.

Eusápia, que era neurótica em seu estado normal, em consequência de um ferimento na cabeça que havia recebido quando menina, ficava, durante esses estranhos fenômenos espíritistas perfeitamente inconsciente e presa também de convulsões.

Confirmei-me nessa suposição, refletindo que o pensamento, por sublime que seja, é um fenômeno de movimento, e observando que os mais importantes fenômenos espíritistas sempre se manifestam nas pessoas e nos objetos situados próximos do médium.”

Tal era, em síntese, na ocasião, a tese explicativa que ele apresentava. Não podendo conceber o pensamento sem cérebro, nem, por conseguinte, a sobrevivência do eu humano, com suas faculdades integrais, perfilhava ele, para os fenômenos mediúnicos, as interpretações neurofisiológicas, com exclusão da hipótese “espírita”.

A isso tudo ele ainda acrescentava, aludindo aos que, descrentes por preconceito, sem nunca terem experimentado, nada querem perceber, senão fraude e ilusão:

“Desconfiemos dessa pretensa penetração de espírito que consiste em divisar farsantes por toda parte e em crer que sábios somos apenas nós, porquanto essa pretensão poderia levar-nos justamente ao erro. Nenhum desses fatos (que têm de ser aceitos, porque não se podem negar fatos que foram vistos) é, entretanto, de natureza a deixar supor, para explicá-los, um mundo diferente daquele que os neuropatologistas admitem.”

O tempo passa. As experiências de Lombroso se multiplicam.

Seu amigo Prof. Ermacora demonstra-lhe a insuficiência da hipótese aventada de início, no seu caráter físico, por assim dizer. O chefe da escola psiquiátrica italiana sente, aos poucos, a fragilidade de sua interpretação psicofisiológica para os fenômenos, e eis que, em 1900, numa carta ao Prof. Dr. M. T. Falcomer, espírita convicto, declara, com a sinceridade que sempre o caracterizou: “Sou, com relação às teorias espíritas, como pequeno seixo na praia; ainda a água não me cobre, mas sinto que, a cada maré, vou sendo arrastado um pouco mais para o mar.”

Sempre fiel ao método experimental, realiza ele novas sessões com Eusápia (cem pelo menos, afirmou, em 1908, ao redator do jornal parisiense “Le Matin”), em Milão, Gênova, Nápoles, Turim, Veneza, e parece que também em Paris, sessões que o levam passo a passo, lento lento, a tender para a hipótese espírita.

Em 1902, na casa da condessa Celesia, reúne-se a um pequeno grupo de amigos, entre eles os Drs. Celesia, Morselli e Porro, e obtém novas e valiosas confirmações experimentais dos fenômenos mediúnicos de Eusápia. Nesse mesmo ano, entre surpreso e emocionado, vê o Espírito materializado de sua própria mãe, ouve-lhe a voz e sente-lhe o contato. Anos depois esse fato se torna a repetir ante seus olhos e dos demais assistentes.

Referindo-se ao Dr. Pio Foà, que, por essa época, obtivera numa placa a impressão de um dos dedos de uma mão materializada, escreveu Lombroso:

“É a primeira vez, se não me engano, que nos aproximamos intimamente, experimentalmente, dos fenômenos e, por assim dizer, do organismo espírita, dessas representações passageiras, transitórias, da vida do Além, cuja existência os incrédulos pretendem negar, apesar da opinião universal confirmada por milhares de fatos que se multiplicam incessantemente aos nossos olhos...”

Lombroso toma conhecimento das corroborações às suas experiências com Eusápia, fornecidas por outros sábios, e prossegue mais confiantemente, ano após ano, no seu perseverante trabalho de investigação.

Numa sessão, em 1907, por ele realizada juntamente com os Drs. Audenino, Norlenzki, o editor Bocca e outras pessoas eminentes, repetiram-se, em toda a sua pujança, os fenômenos eusapianos. Aparelhos registradores colocados num gabinete, bem longe da médium, deram, sem nenhum contato visível, indicações diversas. Um bandolim tocou sozinho. Uma configuração de cabeça foi vista.

As experiências do Dr. Filipe Bottazzi, professor de Fisiologia na Real Universidade de Nápoles, foram das mais demonstrativas e trouxeram forte apoio às descritas por Lombroso. “Elas forneceria – salienta Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia –, se fosse necessário, a prova decisiva das materializações e dos movimentos sem contato.”

Além do Prof. Bottazzi, esteve presente a essas sessões com Eusápia ilustre comissão assim composta: Dr. Gino Galeotti, professor ordinário de Patologia Geral na Universidade de Nápoles; Dr. Tommaso de Amicis, professor ordinário de Dermatologia e Sifilografia na mesma Universidade; Dr. Oscar Scarpa, livre-docente de Física e prof. encarregado de Eletroquímica na Real Escola Superior Politécnica de Nápoles; Dr. Luigi Lombardi, professor ordinário de Eletrotécnica e encarregado de Física Técnica na mesma Escola; Dr. Sérgio Pansini, professor ordinário de Semiótica Médica na Universidade de Nápoles; Engenheiro Emmanuelle Jona, presidente da Associação Eletrotécnica Italiana e diretor dos serviços elétricos da Casa Pirelli, de Milão; Senador Dr. Antônio Cardarelli, professor ordinário de Clínica Médica na Universidade de Nápoles.

Usando moderna e complexa aparelhagem, sob condições de irrepreensível controle junto à médium Paladino, esses sábios reconfirmaram, nos laboratórios do Instituto de Fisiologia Experimental, a autenticidade dos fenômenos de transporte, de levitação, de numerosas e variadas materializações, contatos de mãos, etc., não se falando da mão fluídica que Bottazzi apertou com a sua e que, em vez de se retirar, se fundiu, se desmaterializou, se dissolveu.

Bottazzi, que em 1907 havia iniciado esses estudos com cepticismo, concluiu desta maneira: “A certeza que adquirimos com respeito a esses fenômenos é da mesma ordem da que se adquire com respeito à realidade dos fenômenos naturais, físicos, químicos ou fisiológicos que temos estudado.” (Bottazzi, *Fenomeni medianici*, Nápoles, F. Perrella, 1909).

Ante a opinião pública, crescia, assim, o crédito nas reiteradas afirmações de Lombroso relativamente às experiências eusapianas. Ele se aprofunda nas investigações. Presencia ainda os fenômenos produzidos nas chamadas “casas assombradas”, como a casa do comerciante de nome Fumero, em Turim, e a do tipógrafo Mignotte. Vê, com seus próprios olhos, garrafas passeando no ar, cadeiras saltando como se fossem seres vivos, vasos partirem-se sem mais nem menos, móveis dançarem, etc. Acerca de suas observações pessoais nestas casas, também chamadas “espirtadas”, extenso relatório foi publicado no “The New York Herald”, em 1909. O correspondente, em Turim, desse jornal norte-americano, na entrevista com o Prof. Lombroso, escreveu, referindo-se a este:

“Ele afirma, ele crê e, ainda mais, ele está certo, por convicção própria, da existência de forças inteligentes de além-túmulo, forças que encontram meio de comunicar-se com os seres vivos por vias bem tangíveis.”

E o correspondente anota a declaração abaixo, de Lombroso, estabelecendo-se, a seguir, um diálogo:

– Outra prova da contínua atividade dos mortos temo-la nas numerosas “casas assombradas”, casas ocupadas pelos Espíritos de pessoas falecidas.

– Crê, portanto, neles, professor?

– Como posso deixar de crer, quando a sua realidade está demonstrada até pelos tribunais?

– Como assim?

Em resposta, Lombroso relata ao correspondente dois casos em que os tribunais anularam contratos de aluguel de casas frequentadas por Espíritos e nas quais seus moradores estavam impossibilitados de viver; refere outros casos por ele mesmo observados, em que as manifestações se produziam, com e sem intervenção de médium, e disse ao correspondente estas expressivas palavras:

– Você me olha com assombro. Pode, porém, crer no que lhe digo. Houve tempo em que eu ria dessas coisas, mais do que você ri agora, e não faz vinte anos despertei também entre meus alunos o riso, ao dizer-lhes que nunca creria no “espírito de um armário”.

– E agora, o senhor crê de fato, professor?

– Creio na evidência. E nada mais.

“Foi somente depois de haver verificado os fatos das casas mal-assombradas – declarava o sábio criminologista, numa espécie de confissão pública – e de observar Eusápia, em estado de transe, dar respostas com clareza e de modo bastante inteligente, em línguas que, como o inglês, desconhecia inteiramente, conseguindo até modelar baixos-relevos que nenhuma pessoa em condições normais podia fazer, ainda mais sem instrução, como era ela –, foi somente depois de tudo isso e após tomar conhecimento das experiências de Crookes com Home e Katie King, de Richet e outros, que me vi, também eu, compelido a crer que os fenômenos espíritas, se bem sejam devidos em grande parte à influência do médium, igualmente devem ser atribuídos à “influência de seres extraterrenos”, que possamos talvez comparar à radioatividade persistente nos tubos, depois que o rádio, ao qual ela deve sua origem, haja desaparecido.”

A evolução de Lombroso, passando progressivamente do mais profundo cepticismo ao reconhecimento da intervenção dos Espíritos, é típica; ela mostra como um espírito realmente científico é constrangido, pouco a pouco, a abandonar sucessivamente as diferentes hipóteses psicodinâmicas, à medida que elas se chocam com impossibilidades lógicas ou experimentais.

Escreveu Lombroso em seu artigo *Sui fenomeni spiritici e la loro interpretazione*, in “*La Lettura*” de 1906, pág. 978:

“Se houve um indivíduo, por educação científica, contrário ao Espiritismo, este indivíduo fui eu, eu que escarnei por tantos anos a alma das mesinhas... e das cadeiras, e que havia consagrado a vida à tese que diz ser toda força uma propriedade da matéria e a alma uma emanção do cérebro!

Mas, se sempre tive grande paixão pela minha bandeira científica, encontrei outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato.”

É certamente ao sábio criador da Antropologia Criminal, como bem salientou Gabriel Delanne, que se deve o maravilhoso impulso científico do Espiritismo em toda a Europa, quiçá no mundo. Mas, em verdade, se faltasse Eusápia, talvez não houvesse esse impulso. Durante mais de vinte anos, em Nápoles, Milão, Turim, Gênova, Roma, ilha Ribaud, Carqueiranne, Agnélas, Varsóvia, Munique, Paris, Cambridge, Montfort-l’Amaury e Washington, Eusápia foi submetida às provas mais rigorosas, às investigações mais perspicazes por experimentados sábios, como Siemiradzki, Richet, Sir Oliver Lodge, Frederic Myers, Ochorowicz, Albert de Rochas, Camille Flammarion, Carlo Foà, Herlitzka, Henry Sidgwick e Sra. Aggazotti, J. Venzano, Ernesto Bozzano, Vassallo, A. de Gramont, Beretta, Sabatier, Flour-

noy, Schrenck-Notzing, J. Maxwell, A.-C. de Wateville, Morselli, Pierre e Marie Curie, Courtier, E. Fielding, H. Carrington, Dariex, etc.

Todos esses sábios, decididos a não se deixar enganar, afirmaram e confirmaram os fenômenos produzidos por Eusápia. Para se crer que tudo não passa de ilusão, “precisaria supor que todos, sem exceção, fossem ou mentirosos ou imbecis, precisaria supor que duzentos observadores eminentes, menos ilustres talvez que os citados, porém de grande e sagaz inteligência, fossem, também eles, ou mentirosos ou imbecis”, assim declarava Richet, em seu *Traité de Métapsychique* (1922), acrescentando, em outra obra de sua autoria, *La Grande Espérance* (1933), que “o testemunho de um só desses grandes homens seria suficiente”.

Enquanto a maioria desses estudiosos se embrenhavam por hipóteses engenhosamente arquitetadas, sibilinas ou absurdas, e aí estacionavam, Lombroso foi mais além, naquela ânsia incontida de se aproximar mais e mais da verdade. E vemo-lo, afinal, ingressar no brilhante grupo dos Wallace, dos Zöllner, dos Lodge, dos Crookes, dos Varley, dos Hare, dos Aksakof e tantos outros, todos homens tão positivos e perspicazes quão idôneos e independentes, os quais haviam passado pelas mesmas fases de incredulidade e dúvida, para proclamarem, enfim, que somente a intervenção de inteligências extraterrenas permite compreender racionalmente o conjunto das manifestações observadas.

Frisava ainda Lombroso, no trabalho *Eusapia Paladino e lo Spiritismo*, in “*La Lettura*”, setembro de 1907:

“Eu tenho a coragem de afirmar tudo isso, como de dizer que se forma em torno da médium Eusápia um espaço de quarta dimensão, porque não tenho e jamais tive medo do ridículo, quando se trata de afirmar fatos dos quais experimentalmente adquiri profunda convicção e porque não improvisei, como aqueles que mui ingenuamente me chamam ingênuo, uma doutrina de uma ou duas sessões com um médium apenas, mas sim após um estudo de muitos anos que me permitiram pôr em relação aqueles poucos fatos fragmentários que Eusápia oferece,ⁱⁱⁱ com os muitíssimos outros registrados pela ciência e concordantes entre si.”

Animado de uma intrepidez moral e científica e de uma sinceridade bem raras entre os seus colegas, Lombroso resolve, desafiando a opinião pública e as Academias, escrever uma obra na qual condensaria o resultado de suas pacientes investigações no domínio do Espiritismo experimental, investigações que terminaram por convertê-lo definitivamente às crenças espíritas.

Em carta de 20 de junho de 1909, dirigida ao Sr. Demétrio de Toledo, diretor da “*Revista Internacional do Espiritismo Científico*”, ele anuncia que uma editora italiana de Turim já estava de posse dos originais de sua nova obra: *Ricerche sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici*, que só apareceu nas livrarias em fins de 1909 (nova edição em 1914), quase simultaneamente com uma edição americana que levou o título *After Death – What?*.

Seria esta, aliás, a última obra do grande criminologista italiano, o coroamento de sua gloriosa carreira científica e, porque não dizê-lo, a suprema oferta do seu generoso coração à humanidade aflita e sofredora.

Homenagens póstumas

Aos 19 de outubro de 1909, desencarnava em Turim, com 74 anos incompletos, aquele que no dizer do notabilíssimo historiador da Medicina contemporânea, Prof. Arturo Castiglioni, “foi um dos mais geniais pesquisadores e dos mais insignes mestres italianos do século passado”.

Se não fora o ambiente do lar, onde esposa, filhas e genros o adoravam, fazendo-o esquecer as incompreensões do mundo e vitalizando-lhe o espírito com inúmeras demonstrações de afeto, sem dúvida esse desenlace já se teria dado muitos anos antes.

Lombroso expirou docemente, serenamente, nos braços de sua talentosa filha Dra. Gina, que se referiu a esse momento final com estas palavras: “A sua alma passou para o Infinito como um rio que, ao chegar à foz tranquila, se expande no mar.”

Assentaria agora nas mais altas Assembleias Espirituais aquele que, na Terra, além de grande cientista, sedento de conhecimentos e amante da verdade, foi, por voz unânime, homem virtuoso, coração aberto a todos os ideais de justiça e progresso, alma nobre, simples e tímida, de bondade infinita, indiferente às riquezas e às honrarias, marido e pai exemplar, dedicado aos jovens, a muitos dos quais amparou prodigamente,^{iv} fiel aos amigos, desvelado para com os humildes e os infortunados da natureza e da sociedade.

Havendo legado o seu corpo à ciência, efetuou-se, no anfiteatro do Instituto de Anatomia Patológica de Turim, a autópsia dos despojos pelo Prof. Mário Carrara, genro de Lombroso e seu sucessor na cátedra de Medicina Legal e Antropologia Criminal, na Universidade de Turim.

Achavam-se presentes ao ato os professores Ferrero, Foà, Tovo, Bovero, Morpurgo, De Amicis, o Dr. Cavalleri, preparadores, médicos auxiliares e estudantes.

O crânio foi medido e dele extraída a massa cerebral, que pesava 1.290 gramas. Era, para decepção de todos, um cérebro de peso normal, igual a tantos outros, e foi conservado no Museu de Antropologia Criminal da Universidade de Turim.

Pelo telégrafo transmitiu-se a todos os centros civilizados do ocidente e do oriente a notícia da desencarnação do famoso “chefe da escola antropológica italiana”, levantando ampla e dolorosa repercussão mundial.

Não só os periódicos científicos, mas igualmente os jornais diários de inúmeros países lamentaram profundamente, em destacados artigos, a irreparável perda.

A Itália em peso, mundo oficial e povo, se uniu nas homenagens póstumas.

O rei Vitor Emanuel III telegrafou à família do extinto, com afetuosa simplicidade: “Prego voler credere alla viva parte che prendo al loro dolore”, interpretando ainda o sentimento de todos os italianos.

Nas Universidades, nos Corpos e Sociedades científicas de toda a Europa, eminentes professores lembraram, em discursos e conferências, a grandiosa obra científica de Lombroso, reverenciando ainda o homem privado, com o encanto de suas virtudes e modéstia pessoais. Entre esses homenageantes destacamos os nomes de Ferri, Bianchi, Roncoroni, Antonini, Cappeletti, Zerboglio, Borri, Tamburini, Ottolenghi, Ferrero, Benedetto de Luca, Leggiardi-Laura, Guido Ruata, Mazzini, Paolo Arcari, Morselli, etc.

O Prof. Henrique Ferri, um dos famosos esteios da Escola Positiva de Criminologia e Direito Penal, assim se pronunciava sobre o seu mestre:

“César Lombroso pertence àquela admirável falange de pensadores e de investigadores da verdade, que, na segunda metade do século XIX, transformaram radicalmente o nosso modo de conceber o universo vivente e as relações do homem com este, revelando-se em cinquenta anos muito mais enigmas da vida que em mais de vinte séculos, apesar do gênio poderoso de tantos filósofos e da fantasia metafísica, de Platão a Berkeley.

Darwin, Spencer, Pasteur, Charcot, Virchow foram os gigantes daquela extraordinária época de ciência internacional, e entre esses homens Lombroso se enfileira como representante da maravilhosa ascensão do pensamento contemporâneo.

Homem de pensamento, e não de ação, a sua vida transcorre sem episódios clamorosos que, no vaivém da vida pública, evocam a incandescente atenção e os temores do público. E, apesar disso, o seu nome foi, para a glória intelectual da Itália, durante mais de trinta anos, um dos mais amplamente conhecidos em todo o mundo civilizado, e a nova ciência por ele criada, a Antropologia Criminal, tornou-se por muitos anos, como disse Henrique Morselli, quase que a única mercadoria de exportação científica a levar gloriosamente pelo mundo o nome da Itália.

Passando da morte à imortalidade, César Lombroso deixa tal patrimônio luminoso de idéias inovadoras e tal exemplo de vida plasmada de fé cristalina na verdade, de esforçado trabalho e de contínua solidariedade entre as pesquisas científicas e os problemas da vida, que o seu nome permanece entre os grandes cientistas, do mesmo passo que entre os benfeitores mais beneméritos da humanidade.”

Discursando nos funerais, o ilustre historiador e sociólogo Prof. Guilherme Ferrero assim se referiu ao homem:

“Fui primeiro seu amigo durante dez anos, e nos dez anos seguintes pertenci à sua família; e eu não saberia dizer o que todos nós, seus íntimos, mais devêramos admirar: se o seu heroísmo – pois que em sua brandura, mesmo em sua timidez, ele foi heroico –, se a sua modéstia e desinteresse. Homem algum jamais se aproximou da ciência com pureza maior que a de Lombroso, subtraindo-se às honras e à fama, e sem a mínima preocupação das avultadas somas que teria podido ganhar com os seus trabalhos. E foi pela Ciência, com tão puras mãos acariciada, que ele mais sofreu sarcasmos e desgostos.”

E ao final do seu discurso, Ferrero, que dois anos antes ainda possuía da vida idéias puramente materialistas, assim perorou:

“Agora que ele nos deixou, faço votos para que tenha encontrado no Além essa verdade que vagamente pressentia e que, por intuição, muitas vezes concebeu; faço votos para que seu Espírito possa reviver nessa atmosfera de paz crepuscular ultra terrestre, de onde se possa manter em contato com o espírito dos seres bem-amados que aqui deixou.”

Max Nordau, o famoso escritor húngaro de *As Mentiras convencionais de nossa Civilização e de Degenerescência* (esta dedicada a Lombroso), numa singela mas sincera homenagem, assim se expressava:

“Não é no momento em que choro o meu mestre e amigo César Lombroso, que poderei formular um juízo sobre ele; por outro lado, por muito amá-lo, não posso julgá-lo. As suas obras pertencem ao mundo, as suas teorias à discussão, e eu mesmo, que me digo com orgulho seu discípulo, não o aceito de todo; particularmente lhe expressei, embora respeitando o mestre, as minhas objeções quanto à sua identificação do gênio com um estado de epilepsia oculta. Mas o homem, este está acima da crítica. Ele era admirável: o cérebro mais prodigiosamente rico de idéias originais, o coração mais generoso e mais amante, o caráter mais reto, mais franco que já honrou a humanidade; ele era firme como uma rocha nas suas convicções e conciliador como um Buda na forma; modesto como um santo; reconhecido, como uma criança, a qualquer bondade.”

No Brasil, não foi menor a repercussão da partida desse grande espírito. Vários jornais da capital e dos Estados deram-lhe merecido destaque.

“O Paiz”, um dos diários cariocas mais lidos na época, estampava na primeira página do seu número de 20 de outubro longo artigo laudatório, que assim se iniciava:

“O telégrafo acaba de transmitir ao mundo inteiro a notícia súbita e inesperada de um dos vultos mais notáveis da ciência contemporânea, o professor César Lombroso, em cuja

obra, vasta e profunda, se concretiza a maior revolução sofrida, de um século a esta data, pelo direito de punir.”

O Senado Federal brasileiro, na sessão de 20 de outubro, a requerimento do senador Alfredo Ellis, inseriu em ata um voto de pesar pela morte do eminente homem de ciência, nisto sendo acompanhado pela Assembléia Fluminense.

Na Escola Livre de Direito e na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, corpo discente e docente se associaram nas homenagens ao extinto.

O festejado matutino carioca, a “Gazeta de Notícias”, inseria em sua edição de 20 de outubro, na seção “Aqui – Ali – Acolá”, sob a responsabilidade de seu assíduo colaborador M. A., um trabalho deveras revelador sobre o ilustre desencarnado.

M. A. são iniciais que mal encobriam uma das mais esclarecidas e também das mais cépticas mentalidades daquela geração: o escritor e parlamentar de nomeada Dr. Medeiros e Albuquerque, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Vejamos o que ele escreveu na “Gazeta de Notícias”, confundindo a incredulidade sistemática daqueles que gratuitamente negavam a conversão de Lombroso ao Espiritismo:

“Agora que o telégrafo nos dá a triste notícia da morte de César Lombroso, posso eu aqui referir a história de uma entrevista com Ferrero, a respeito do grande sábio italiano.

Ferrero era, como todos sabem, genro de Lombroso. Ora, quando ele por aqui passou, pareceu ao redator da “Gazeta” que seria curioso pedir-lhe algumas informações sobre as experiências de espiritismo a que o sogro ultimamente se estava entregando. Paulo Barreto foi e conversou com o casal Ferrero; mas não houve meio de obter que adiantassem grande coisa acerca do ponto essencial. Como, porém, estava combinado o assunto da entrevista, “A Notícia”, sabendo que ela se tinha realizado, declarou que, no dia imediato, a “Gazeta” contaria coisas inéditas sobre as relações de Lombroso e Eusábia Paladino.

À tarde o diretor da “Gazeta” me disse o que havia:

– Paulo foi, conversou com Gina Lombroso; mas não trouxe nada de importante em especial sobre a Eusábia. Vê se fazes a esse respeito uma entrevista com o Ferrero.

No Garnier, pouco depois, eu o encontrei. Mostrei-lhe a “Notícia”. Ferrero protestou, alarmado:

– Mas não é possível! Minha mulher não disse nada sobre Eusábia.

– Quem sabe? Talvez não tenha ouvido.

– Não; ela não diria. Nós evitamos sempre conversar a tal respeito.

– Mas, por quê?

– Porque as experiências de meu sogro nos desagradam muito.

– Até hoje, porém, ele está num terreno científico; só tem apurado fatos, sem sustentar nenhuma doutrina. E os fatos...

Ferrero interrompeu-me com um gesto de desdém:

– Os fatos...

– É positivo – retorqui-lhe eu – que na sua história romana não há nenhum fato apoiado em tantos testemunhos, como os fenômenos do espiritismo. Esses fenômenos me parecem inatacáveis. A teoria espírita é que não pode ser mais absurda e extravagante...

Ferrero pediu-me, então, que não dissesse o que ele me ia contar, e referiu-me que Lombroso se tinha convertido inteiramente ao espiritismo – inteiramente: aceitava os fatos e a doutrina. E isso era na família um motivo geral de desgosto. Depois falou-me com profunda antipatia de Eusábia Paladino.^v Mas sempre recomendando-me discrição.

Pela segunda vez a “Gazeta” perdia sua entrevista... Aqui vai ela, entretanto, dois anos depois.

Depois daquele dia, Lombroso acabou revelando o seu modo de pensar. Sua morte me desobriga do segredo prometido e guardado, porque Ferrero só não queria tratar do assunto para não ser desagradável ao sogro. – M. A.”

Muita razão teve assim o ilustre escritor espírita, engenheiro Gabriel Delanne, em dizer, há cinquenta anos:

“A posteridade, sempre mais justa que os contemporâneos, contará entre os títulos de glória do grande criminologista suas pesquisas sobre Espiritismo.”

Para perpetuar a memória do sábio italiano, foi erigido na sua cidade natal, Verona, um monumento da autoria de Bistolfi, para cuja construção colaboraram 24 nações. Com a presença de ilustres homens de ciência efetuou-se, em 1921, a sua solene inauguração.

Em 1926, a Real Academia de Medicina da Itália concedia ao Dr. Giulio Tului o primeiro “Prêmio Lombroso”, prêmio internacional que continuou a ser distribuído aos especialistas que mais se destacassem no estudo e na aplicação das idéias sobre Antropologia Criminal.

O nome de Lombroso, pelo desassombro e independência de pensamento, pela honestidade e imparcialidade no estudo dos fenômenos mediúnicos, viverá para sempre no profundo reconhecimento e na justa admiração dos espíritistas. “Sua obra – como bem acentuou o Dr. Leonídio Ribeiro – é patrimônio da ciência universal, e sua vida ficará como exemplo de amor e dedicação à humanidade.”

Bibliografia

“Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana”, Barcelona, tomo XXX.

“Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti”, Roma, vol. XXI.

“Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, Lisboa, vol. 15.

“Archivio di Antropologia Criminale, Psichiatria, Medicina Legale e Scienze affini”, Turim, vol. XXX, 1909. Diretores: Cesare Lombroso, Mario Carrara e Camilo Negro.

“Revista Internacional do Espiritualismo Científico”, edição em português, Paris, 1908-1909.

“La Fraternidad (Revista mensual de estudios psicológicos)”, Buenos Aires, 1908-1909.

“Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1909 e 1910.

“Revue Scientifique et Morale du Spiritisme”, Paris, 1909.

Prof. Armando Pappalardo, “Spiritismo”, ed. Ulrico Hoepli, Milão, 5ª edição revista e ampliada, 1917.

“Titãs da Ciência”, seleção de Lázaro Liacho, traduzida pelo Dr. Silvano de Souza, Livraria El Ateneo do Brasil, Rio de Janeiro, 1956.

Charles Richet, “Traité de Métapsychique”, 2ª edição, refundida, Librairie Félix Alcan, Paris, 1923.

Arturo Castiglioni, “Storia della Medicina”, nova edição, 1936, Arnaldo Mondadori Editoriale, vol. II.

Dr. Pelayo Casanova y Parets, “Antropologia Jurídica”, Havana, 1937.

Leonídio Ribeiro, “As modernas legislações penais e a contribuição da Antropologia Criminal”, Tipografia do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1942.

Leonídio Ribeiro, “Criminologia”, Editorial Sul Americana, Rio de Janeiro, 1957, vols. I e II.

ⁱ Trabalho compilado pelo Sr. Zêus Wantuil e aqui incluído pela Editora da FEB.

ⁱⁱ Professor nomeado por decreto ministerial e que substituiu temporária ou definitivamente o professor titular.

ⁱⁱⁱ Numerosas e variadíssimas são as manifestações mediúnicas objetivas e subjetivas, e Eusápia oferecia aos estudiosos apenas uma parte dos fenômenos objetivos. (Nota da Editora.)

^{iv} Entre os que Lombroso deu a conhecer ao mundo, citam-se, por exemplo, Foà, Patrizi, Ferrero, Rossi, Barsilai, Turati, etc.

^v Ferrero, que sempre se negara a assistir às sessões com Eusápia, aqui se refere certamente à parte da família, visto que exatamente nesse mesmo ano de 1907 (“La Lettura”, I vol., página 389), Paola Lombroso, ilustre escritora e filha do sábio de Verona, publicava, sob o título *Eusapia Paladino (Cenni biografici)*, um artigo em que ela, mui simpaticamente, prestava uma espécie de homenagem à humilde médium italiana. (Nota de Z. W.)

Fontes: www.autoresespiritasclassicos.com

FIM